

Larissa Pereira Santos

Universidade Federal do Pará

<https://orcid.org/0000-0001-8516-0174>

Fábio Fonseca de Castro

Universidade Federal do Pará

ORCID iD <http://orcid.org/0000-0002-8083-1415>

Célia Regina Trindade Chagas Amorim

Universidade Federal do Pará

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-1073-795X>

Estratégias discursivas da Vale S.A. e a construção do pensamento sobre o desenvolvimento da Amazônia

Vale S.A.'s discursive strategies and the construction of development projects for the Amazon

Las estrategias discursivas de Vale S.A. y la construcción del pensamiento sobre el desarrollo de la Amazonía

RESUMO

A mineradora Vale S.A. é uma empresa transnacional, presente em 30 países, sendo uma das maiores mineradoras do mundo. Na Amazônia brasileira ela atua há mais de três décadas, principalmente com o Programa Grande Carajás (PGC) e recentemente com o Projeto S11D, projeto de ampliação das atividades de extração de minério de ferro, na Serra de Carajás, no estado do Pará. Por meio da Análise do Discurso e da Enunciação (VERÓN, 2004), essa pesquisa busca analisar como são construídos os discursos produzidos no site da mineradora, com a página intitulada “Complexo S11D Eliezer Batista”, a partir da ideia de desenvolvimento divulgada pela empresa. O S11D é considerado pelos críticos do setor da mineração como a continuidade do PGC, agora com perspectivas de lucros duplicados. A análise considerou que a mineradora contribui para a construção de um pensamento sobre desenvolvimento na Amazônia, assentado na ideia de crescimento econômico, ignorando os discursos que representam os territórios e sujeitos sociais da região onde atua.

Palavras-chave: Discursos. Enunciação. Desenvolvimento. Vale S.A. Amazônia.

ABSTRACT

Vale S.A. mining company is a transnational company, present in 30 countries, and one of the largest mining companies in the world. In the Brazilian Amazon, it has operated for more than three decades, mainly with the Grande Carajás Program and recently with the S11D Project, a project to expand iron ore extraction activities in the Serra de Carajás, in the state of Pará. Through Discourse and Enunciation Analysis (VERÓN, 2004), this research examines how the discourses produced on the mining company's website are constructed in the page entitled “S11D Eliezer Batista Complex”, based on the development ideals disclosed by the company. The S11D is considered by critics in the mining sector to be the continuation of the PGC, now with the prospect of doubled profits. The analysis considered that the mining company contributes to the construction of ideals on development in the Amazon, based on the idea of economic growth, ignoring the discourses that represent the territories and social subjects of the region where it operates.

Keywords: Discourse. Enunciation. Development. Vale SA Amazonia.

RESÚMEN

La empresa minera Vale S.A. es una transnacional presente en 30 países, una de las más grandes del mundo. En la Amazonía brasileña, opera desde hace más de tres décadas, principalmente con el Programa Grande Carajás (PGC) y recientemente con el Proyecto S11D, un proyecto para ampliar las actividades de extracción de mineral de hierro en la Serra de Carajás, en el estado de Pará. A través del Análisis de Discurso y Enunciación (VERÓN, 2004), esta investigación analiza cómo se construyen los discursos producidos en el sitio web de la empresa minera en la página titulada “Complejo S11D Eliezer Batista”, a partir de la idea de desarrollo divulgada por el empresa. Los críticos del sector minero consideran que el S11D es la continuación del PGC, ahora con la perspectiva de duplicar las ganancias. El análisis consideró que la empresa minera contribuye a la construcción del pensamiento sobre el desarrollo en la Amazonía, a partir de la idea de crecimiento económico, desconociendo los discursos que representan los territorios y sujetos sociales de la región donde opera.

Palabras-clave: Discursos. Enunciación. Desarrollo. Vale SA Amazonia.

Submissão: 22-11-2018

Decisão editorial: 20-8-2021

Introdução

Entendemos a mineradora Vale S.A. como uma produtora de sentidos e enunciados e que, portanto, pode contribuir para a construção de um pensamento sobre desenvolvimento na Amazônia. Destacamos essa função pelo fato da mineradora estar presente na região amazônica há mais de três décadas, desenvolvendo atividades econômicas e afirmando, por meio de seus discursos, ser uma empresa comprometida com a região e com a preservação da natureza. O presente artigo tem o objetivo principal de analisar esses discursos produzidos pela mineradora Vale S.A. buscando entender o papel da empresa na construção pública da ideia de desenvolvimento do espaço amazônico.

Como percurso metodológico utilizamos a Análise do Discurso e da Enunciação, com base em Verón (2004) para analisar as estratégias enunciativas construídas pela Vale S.A. na página “Complexo S11D Eliezer Batista”¹. Trata-se de uma página localizada no *site* institucional da empresa, destinada à divulgação e à defesa discursiva do maior e mais recente projeto de mineração da Vale S.A. na Amazônia: o S11D.

¹ Disponível no link: <http://www.vale.com/brasil/PT/initiatives/innovation/s11d/Paginas/default.aspx>

A página foi escolhida para ser estudada porque, acreditamos, representa como uma das maiores mineradoras do mundo, inserida na Amazônia há quatro décadas, constrói os seus enunciados sobre desenvolvimento e como, a partir desses discursos, participa do debate público a respeito do desenvolvimento da região e fora dela. O projeto S11D é descrito pelos pesquisadores críticos da economia mineradora como a continuidade do Programa Grande Carajás (PGC), motivo para o surgimento de inúmeros impactos e conflitos socioambientais. Por outro lado, o PGC foi e é divulgado pela empresa e pela mídia local, regional e nacional como um investimento para o desenvolvimento do país, fato que se repete com as propagandas sobre o S11D.

“Localizado no município de Canaã dos Carajás, no sudeste do Pará, o S11D é o maior complexo minerador da história da Vale” (VALE, 2017). A sigla S11D faz referência à localização da mina onde será realizada a exploração de minério de ferro. “S” refere-se à Serra Sul de Carajás, “11D” refere-se aos blocos organizados pela mineradora Vale S.A.² Mas a Vale S.A. denominou o projeto de Complexo S11D Eliezer Batista, “o nome do complexo é uma homenagem ao engenheiro Eliezer Batista, ele foi presidente da Vale por duas vezes” (VALE, 2017).

No presente artigo analisamos uma parte do *site* da mineradora Vale S.A. Não temos a pretensão de confirmar a generalidade das conclusões elaboradas, mas consideramos que a discussão se torna uma contribuição para entendermos a atuação da empresa na Amazônia e no mundo sob o ponto de vista do discurso e da enunciação. Portanto, este não é um

² VALE, 2017. Acesso em 12 jun. 2017.

estudo fechado tendo em vista que a Análise do Discurso nos permite diversas abordagens.

Discurso e enunciação

Em "O Aparelho formal da enunciação", Émile Benveniste (1989) diz que o discurso é produzido a cada vez que se fala. O que determina os caracteres linguísticos da enunciação é a relação do locutor com a língua. Aqui, o cerne da teoria da enunciação é o sujeito, o autor defende que enunciação é o ato de colocar a língua em funcionamento por meio da individualidade da utilização.

Segundo Verón (2004) os discursos são produzidos para circular e gerar efeitos de sentidos na sociedade. Ele diz que as mensagens sustentam a circulação de significados, mas que elas não produzem um efeito automaticamente. Os discursos são constituídos de um ou mais de um efeito: "A questão dos efeitos é, portanto, incontornável" (VERÓN, 2004, p. 216).

Destacamos aqui o conceito de enunciação trabalhado por Verón (2004), para pensarmos sobre a produção de discursos emitidos pela Vale S.A na região Amazônica e fora dela. Para Verón não podemos entender o conceito fora da relação enunciado-enunciação. O enunciado é aquilo que é dito, a enunciação se refere aos modos de dizer, não necessariamente ao que é dito. Os dois estão conectados, segundo ele, mas apresentam diferenças. O enunciado está mais próximo do conteúdo. A enunciação diz respeito não ao que é dito, mas às formas como as coisas são ditas. Assim, em um texto, por exemplo, podemos encontrar diversos enunciados produzidos conforme determinados processos e determinadas condições que geram efeitos de sentidos.

Verón (2004) nos motiva a perceber como o discurso é construído a partir do enunciador (quem fala). Partindo deste pressuposto, podemos questionar como é constituído o discurso de uma das maiores mineradoras do mundo? Como ela manifesta sua atuação na Amazônia? Que ideia de pensamento sobre o desenvolvimento da Amazônia ela enuncia?

Os enunciados sempre remetem a um contexto. Nesse sentido, Dominique Maingueneau (2011) dialoga com Verón (2004) ao dizer que “a maioria dos enunciados possui marcas que os ancoram diretamente na situação de enunciação: “esta sala” “aqui” ou “ontem”, a desinência de tempo dos verbos, “eu” ou “você” são interpretáveis somente quando se sabe a quem, onde e quando o enunciado foi dito” (MAINGUENEAU, 2011, p. 25). Maingueneau explica que até os enunciados que não apresentam esses tipos de marcas nos possibilitam ligá-los a um contexto, nos remetem a um contexto.

No jornalismo, Fausto Neto (1991) diz que quando o jornalista narra os fatos, não é apenas uma descrição mecânica, técnica, essencialmente objetiva. Existe uma relação com um contexto, e a notícia vai ser o resultado desse processo de envolvimento, que é permeado por inúmeros sentidos.

Continuando com Fausto Neto, em estudo de 2008, bastante oportuno para as reflexões deste trabalho, ao argumentar a respeito da chamada “analítica da mediatização” no universo do jornalismo, do seu discurso e de suas práticas, o autor nos chama a atenção para o fato de que precisamos levar em consideração algumas características deste campo de forma mais complexa, as quais cita: “1) Transformações da «topografia jornalística», como espaço «or-

ganizador do contato»; 2) a auto-referencialidade do processo produtivo; 3) auto-reflexividade sobre seus fundamentos teóricos; 4) transformação do status do leitor" (FAUSTO NETO, 2008, p. 96).

Já para Verón (2004) os discursos delineiam variados campos de efeitos de sentido, seja por meio do texto ou da imagem. Os discursos não produzem efeitos únicos e separados, além disso, não se trata de um efeito qualquer. Por isso, é importante compreender os enunciados produzidos, os seus sentidos e os contextos da enunciação. "Em discurso, qualquer que seja sua natureza, as modalidades do dizer constroem, dão forma, ao que chamaremos de dispositivos de enunciação" (VERÓN, 2004, p. 217).

Verón (2004) diz que em primeiro lugar precisamos entender que não é só a matéria linguística que faz parte dos discursos, mas se trata de um conjunto de significantes. Em segundo lugar, ele aponta para a pluralidade do termo, entende-se que não estamos estudando "O Discurso", mas variados tipos de discursos, que são produzidos para circular e gerar efeitos na sociedade.

Desenvolvimento na (e da) Amazônia

Antes de realizar a análise dos discursos que este artigo se propõe a avaliar, consideramos importante fazer uma breve reflexão sobre a relação desenvolvimento – Amazônia. Para tanto, buscamos as contribuições de teóricos que pensaram sobre o planejamento do desenvolvimento na Amazônia e sobre a construção de um pensamento sobre desenvolvimento.

[...] o debate sobre o desenvolvimento da região se impõe desde, pelo menos, a década de 30, tendo a tônica do discurso da maior integração da Amazô-

nia ao Brasil como um de seus principais elementos (Becker, 2009; Fernandes, 2011). Um componente que se justifica, tendo em vista o fato de que a demanda pelos produtos oriundos da Amazônia vinha, geralmente, do mercado internacional, exigindo pouca articulação entre as economias local e nacional. As ações dos governos locais, de maneira planejada, visando ao crescimento econômico da região inexistiam, e a presença do Governo Federal com políticas de integração e/ou planejamento regional também não ocorreu, efetivamente, até o início da década de 40 (FERNANDES; OLIVEIRA; TRINDADE, 2014, p. 3).

Os autores explicam que refletir o desenvolvimento na (e da) Amazônia historicamente implica entender a importância que a década de 1940 nos trouxe. No final dessa década aconteceram as primeiras iniciativas de planejamento para o desenvolvimento regional. Então a concepção perpassa pela necessidade de destacar o debate sobre a questão regional.

A Constituição de 1946 é citada como um ponto importante para a efetivação de planos de desenvolvimento regional, bem como a valorização das potencialidades econômicas que antes eram desconhecidas. Nesse sentido, o Estado passa a agir de forma estratégica em regiões que eram desvalorizadas.

Fernandes (2014) cita a criação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), em 1953, como uma ação que objetivou o planejamento e o desenvolvimento da região amazônica. Esta iniciativa foi pensada como uma “estratégia institucional mais ampla tendo em vista o foco de atuação sobre o desenvolvimento regional (FERNANDES, 2011, p.119).

Na década de 1950 as desigualdades regionais foram destacadas no contexto do desenvolvimento

nacional e por isso um investimento na Amazônia, para pensar a sua integração a uma política de desenvolvimento no (e do) Brasil. É nesse período que se organiza, também, a criação da SUDENE, no Nordeste.

Além desses, o autor cita a criação do Banco de Crédito da Amazônia e do Banco do Nordeste do Brasil. Esses planos, projetos e ações, se analisados em suas composições, objetivam promover o desenvolvimento regional e o conseqüente desenvolvimento nacional, porém, a aplicabilidade dos mesmos não correspondeu aos utilitários traçados.

Períodos depois é que foram se confirmando as fragilidades das tentativas de colocar em prática planos pensados estrategicamente. Por serem estratégias pensadas pelo estado, ocorreram conflitos de interesse, bem como diferenças entre as esferas regional e nacional.

É nesse sentido que chegamos ao ponto principal do debate que este artigo propõe: como pensar as relações entre desenvolvimento nacional e desenvolvimento regional e local? Por que essas ações iniciadas nas décadas de 40 e 50 do século passado não deram certo e ainda hoje são mencionadas pelos estudiosos como propostas frustradas? Esse tipo de modelo de desenvolvimento ainda pode ser encontrado na atualidade? E como contribuíram e contribuem para a formação de um pensamento sobre desenvolvimento na (e da) Amazônia?

A ideia de valorização econômica surgida no discurso de promoção do desenvolvimento da Amazônia tem origem em uma tentativa regional de tirar a região do processo de estagnação econômica e atraso em relação ao restante do território nacional, como forma de alavancar o estímulo aos ideais de libertação econô-

mica do jugo da região centro-sul, mais precisamente de São Paulo (OLIVEIRA JR; 2009, p. 41).

Oliveira Júnior (2009) alerta para o fato de que o discurso de valorização da Amazônia é, na verdade, um discurso de valorização econômica, pensado pelas elites regionais em articulação institucional. Essa ideia leva ao debate sobre os modelos de desenvolvimento endógeno e exógeno.

Os conceitos também discutidos por Oliveira Júnior abordam, primeiro, uma forma de desenvolvimento pensada a partir da economia local e regional, e, segundo, um desenvolvimento voltado para o fomento às estratégias que valorizam o interesse externo. Um mais endógeno e outro mais exógeno.

Esses modelos apresentam formas de desenvolvimento distintas principalmente no que diz respeito ao papel da sociedade local no processo de desenvolvimento. A perspectiva endógena é "baseada numa visão interna do território, fruto do contato com os habitantes locais e privilegiando o crescimento endógeno e a autonomia local" (BECKER; 2001, p.136).

Para Becker (2001), esses dois modelos, também considerados modelos de ocupação territorial, se contrapõem na Amazônia. O modelo exógeno é mais predominante, segundo a autora, e reproduz uma compreensão histórica de soberania.

Pensar o desenvolvimento na Amazônia também nos leva para o marco da década de 1970. "O governo considerou a colonização lenta e onerosa, e estimulou imigrantes dotados de maior poder econômico, resultando na expansão das empresas agropecuárias e de mineração" (BECKER; 2001, 138).

O Programa Grande Carajás (PGC) é um modelo que pode ser caracterizado com base na perspecti-

va exógena. O PGC foi instalado na Amazônia com o intuito de promover o desenvolvimento regional e nacional, mantendo relações internacionais. Por outro lado, “problemas de poluição e erosão são gerados, a exclusão da sociedade local é perversa e a atração de imigrantes é intensa” (BECKER; 2001, 140). O exemplo pode ser a prova da dominação de um modelo exógeno sobre o endógeno, no qual o papel das populações locais se restringe aos impactos negativos.

A riqueza mineral da Amazônia é uma das características regionais que a tornou como um importante lugar de investimento internacional e para onde vieram grandes projetos de desenvolvimento. Esses projetos, a exemplo do PGC, chegaram por meio de empresas multinacionais que pregaram o discurso de desenvolvimento regional. Como exemplo citamos o caso da mineradora Vale S.A.

A presença da Vale S.A. na Amazônia

Coelho (2015) faz uma importante contextualização sobre a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Ele aponta que a empresa foi fundada em 1943 com uma história ligada ao mercado internacional. A empresa mineradora é apresentada como resultado de acordos que garantiram a venda de minério de ferro, extraído de territórios brasileiros para países como Inglaterra e Estados Unidos.

Perpassando pela história de fundação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), fruto de uma negociação perniciosa no início da década de 1940 entre governo brasileiro e estadunidense, conhecido como os Acordos de Washington, além dos detalhes da sanha dos militares em vender a soberania do povo brasileiro até chegar a era da privatização e da lei Kandir, a

herança neoliberal de Fernando Henrique Cardoso" (COELHO, 2015, p. 17).

De acordo com o autor, o governo brasileiro exportou minério de ferro para consumo de aço durante a Segunda Guerra Mundial, mas logo com o fim do conflito iniciou uma crise e a queda nas vendas. A primeira crise fez a CVRD expandir suas exportações e vender matéria prima para outros países, já na década de 1950.

Em 1960, Coelho (2015) conta que as exportações da mineradora para Alemanha e Japão e os avanços tecnológicos garantiram destaque no cenário de exportações de minério de ferro. "É nessa década também que iniciaram pesquisas para exploração de minério no norte do país. Na década de 1970 a empresa se tornou a principal exportadora do Brasil" (COELHO, 2015, p. 46).

Na contextualização feita por Coelho (2015) a década de 1980 é caracterizada pelo forte investimento em mineração na região norte, onde é implantado o Programa Grande Carajás (PGC). Dentre os projetos apoiados pelo Governo Federal na época, o PGC era o principal pela qualidade do minério de ferro encontrado na Serra de Carajás-PA.

A prioridade da companhia passou a ser a extração de minério de ferro no estado do Pará, na Amazônia. Para o governo, os investimentos em Carajás eram importantes porque poderiam resolver o problema da dívida externa enfrentada pelo Brasil.

Segundo Coelho (2015), durante a década de 1980 os investimentos em infraestrutura e exportações, principalmente para o Japão, caracterizaram o momento. Mas o ano de 1987 foi fechado com dívidas e prejuízos, a década seguinte também foi marcada

pela automação da produção e terceirização do trabalho, o que ocasionou demissões. Em sete de maio de 1997 a privatização da empresa foi o marco na história da mineradora.

Vendida de uma forma que até os dias atuais é contestada, a Companhia Vale do Rio Doce passou a ser uma empresa privada do Consórcio Brasil, composto por CSN (31%), Litel Participações (25%), Elétron S.A. (21%), Sweet River Investments (11%) e BNDES Par (11%), compondo o Valepar S.A. (ZAGALLO, 2011, p. 7).

O leilão de venda realizado pela Bolsa de Valores do Rio de Janeiro foi um dos assuntos mais comentados na época. Manifestações contra a privatização da empresa ocorriam por um lado e negociações por outro. “O leilão garantiu a venda da mineradora pelo preço de R\$ 3,338 bilhões” (ZAGALLO, 2011, p. 7).

Segundo Zagallo (2011), o valor, considerado pequeno, não era suficiente para sanar as dívidas do governo, e essa se tornou uma das principais críticas à privatização, já que o interesse pela venda da empresa estava na redução da dívida pública do país. A privatização é contestada na justiça ainda hoje.

Coelho (2015) afirma que após a privatização, os lucros da empresa aumentaram, sendo divididos entre os acionistas. Em 2006 a Companhia Vale do Rio Doce torna-se a segunda maior mineradora do mundo.

Certamente os lucros aumentaram após a privatização. Em 2000 o lucro líquido da empresa foi de US\$ 1,086 bilhão, e em 2001, de US\$ 1,287 bilhão. Uma das causas do aumento dos lucros após 1997 é a liquidação da dívida decorrente da instalação de Carajás. Os lucros da Vale pós-privatização também cresceram por meio da diminuição da participação do fator trabalho

(demissões em massa) na produção e do arrocho salarial. Outro fator decisivo neste crescimento na receita foi o boom das commodities (COELHO, 2015, p. 48).

Em 2007, após uma campanha nos meios de comunicação a Companhia Vale do Rio Doce muda o seu nome para Vale S.A. e divulga a imagem de uma empresa genuinamente brasileira. A Vale S.A. é hoje a empresa líder na produção de minério de ferro e é a maior exportadora dessa matéria-prima no Brasil. “De cada 10 dólares depositados no Banco Central, um dólar resulta de vendas da empresa, principalmente minério de ferro” (PINTO, 2013, p.58).

Entretanto, nos anos 2000 a história da empresa foi marcada pelo aumento de manifestações contrárias às ações de exploração que causam impactos negativos na sociedade. Nesse contexto surgem movimentos como Rede Justiça nos Trilhos e Articulação Internacional dos Atingidos pela Vale, movimentos que atuam especificamente contra a violação de direitos humanos no âmbito da indústria extrativa, sobretudo da mineradora Vale S.A.

Em 2010 esses movimentos divulgaram o “Dossiê Impactos e Violações da Vale no Mundo” e desde 2012 publicam o “Relatório de Insustentabilidade da Vale”, uma contrainformação ao que a mineradora divulga anualmente no relatório de sustentabilidade. Os movimentos também foram importantes para que a Vale S.A. recebesse, em 2012, o prêmio de pior empresa do mundo, baseado em práticas que afetam o meio ambiente.

Consideramos que esses dados, construídos historicamente, são elementos que caracterizam o Programa Grande Carajás como um projeto de desenvolvimento frustrado, se formos analisar os Índices de

Desenvolvimento Humano das principais cidades minerárias da Amazônia. Além disso, diante dos impactos negativos provocados pela mineradora e pelos conflitos com diversos atores, dentre eles, comunidades locais, percebemos que a concepção de um modelo de desenvolvimento endógeno não se realizou.

Para ir além, nos deteremos, a partir de agora na análise dos discursos da mineradora Vale S.A. sobre desenvolvimento, para identificar se ela contribui para a formação de um pensamento sobre desenvolvimento na (e da) Amazônia. Já vimos que os diferentes estudiosos contemplados até aqui colaboram para um entendimento que mesmo pregando um discurso sobre desenvolvimento, a história da mineradora é cheia de elementos que denunciam o ideal de um desenvolvimento econômico, apenas. É fato também que o contexto se caracteriza como um modelo exógeno de ocupação territorial.

Os discursos da Vale S.A. e a formação de um pensamento sobre desenvolvimento na Amazônia

Para atingir o objetivo de analisar os discursos da Vale S.A. e a relação deles com a formação de um pensamento sobre desenvolvimento vamos utilizar as bases teóricas da análise dos discursos e da enunciação (VERON, 2004).

Dentro do *site* institucional da empresa analisamos os enunciados produzidos na página "Complexo S11D Eliezer Batista" que trata dos conteúdos sobre o maior e mais recente projeto de mineração da Vale S.A. executado na Serra de Carajás, área que compreende a Amazônia.

A página segue um padrão de identificação dentro do site, apresentando em primeiro plano um

layout com o tema dos conteúdos apresentados nesse espaço e a logomarca da Vale S.A. Esse *menu* é composto por uma página organizada com a apresentação do projeto, “o que é?”, “o projeto em números”, “curiosidades”, e “vídeos”, são os títulos dessa página, arranjados hierarquicamente.

Há cinco páginas internas, intituladas “sobre o S11D”, “avanço tecnológico”, “avanço socioeconômico”, “galeria multimídia” e “depoimentos”. A justificativa para a escolha da página compreende também o caráter singular que a própria mineradora dar ao projeto, criando uma página especial para os assuntos relacionados ao S11D.



Figura 1: Layout da página S11D.
Fonte: Dados da pesquisa. Site da Vale S.A

A página S11D apresenta uma série de vídeos que explicam didaticamente o funcionamento do projeto, entretanto não é função deste trabalho analisar os vídeos por entendermos que esta tarefa merece uma análise específica. Portanto, analisamos textos e fotos que compõem a página selecionada, elementos importantes para buscarmos as marcas do discurso da Vale S. A.

A estrutura enunciativa da página é carregada de elementos didáticos, interativos, cores, fotos e figuras explicativas, além de textos simples e objetivos

com a finalidade de atrair um público amplo. A logomarca da mineradora no topo da página aponta para os conteúdos oferecidos, mas principalmente para o título da página: “Complexo S11D Eliezer Batista”. “O nome do Complexo é uma homenagem ao engenheiro Eliezer Batista. Ele foi presidente da Vale por duas vezes e contribuiu significativamente para o nosso crescimento” (VALE, 2017).

O discurso que representa a empresa como um empreendimento genuinamente brasileiro, carregado de sentidos que se relacionam com o ideal de empresa que atua para o desenvolvimento nacional é apresentado com a figura da logomarca institucional. O símbolo que lembra o “V” de Vale, preenchido com as cores verde e amarelo dão sentido ao valor nacional da empresa, o verde também pode ser relacionado com a Floresta Amazônica e com a Serra de Carajás. O amarelo à riqueza e ao ouro. Juntos constroem um enunciado para dar ênfase a imagem da empresa como essencialmente brasileira e comprometida com o desenvolvimento do país e da Amazônia.



Figura 2: Logomarca da Vale S.A.
Fonte: Dados da pesquisa.

Os textos se assentam em enunciados a respeito do meio ambiente e do valor para com as pessoas, e juntos dão ao projeto o título de inovador e responsável por uma postura mais sustentável da empresa. A valorização da tecnologia é outro elemento muito destacado nos enunciados da Vale S.A., o que colabora para a construção de um sentido que oferece à empresa a figura de competitiva no cenário internacional. Destacamos, como uma síntese deste pensamento o texto publicado no *menu* "Sobre o S11D".

Maior complexo minerador da história da Vale, o Complexo S11D Eliezer Batista é um empreendimento que integra produtividade com respeito pelas pessoas e tecnologia com inteligência ambiental. **Além de aumentar a produção do estado do Pará para 230 Mtpa**, o projeto traz soluções como o sistema *truckless*, que substitui os tradicionais caminhões fora de estrada por correias transportadoras e reduzirão em cerca de 70% o consumo de diesel. Já o beneficiamento a umidade natural diminui o consumo de água e dispensa o uso de barragens de rejeitos. Os investimentos em inovação, aliados à experiência da Vale no setor, possibilitam uma operação de maior eficiência e menor impacto ao meio ambiente (VALE, 2017).

O enunciado acima, que responde a principal questão de apresentação do projeto: "o que é?" é o exemplo da importância, dada no discurso, à questão ambiental. A citação em destaque representa a preocupação da Vale S.A. em situar os benefícios do projeto ao contexto regional, sem deixar explícito que o aumento de 230 milhões de toneladas métricas ao ano não vai gerar o aumento de empregos para o estado, pois o sistema *truckless* substitui homens por máquinas. Isso significa que tal discurso escamoteia

um cenário de falta de emprego na região, reforçando desse modo um panorama já vivenciado em outros projetos da Vale S.A na região.

Dias (2016), afirma que no contexto atual, as comunidades locais e os movimentos sociais, baseados pelo histórico de impactos provocados pelo Programa Grande Carajás já não acreditam no discurso de promoção de empregos.

os movimentos que emergem na atualidade têm desconstruído os discursos dominantes por meio da defesa de seus saberes locais, aliados à generalização e aplicação de instrumentais técnicos e legais para tratar com os conflitos que surgem em torno da mineração. Um exemplo disso, diz respeito a generalização das inconsistências sobre a defesa da geração de empregos pelas atividades extrativistas, as quais são vistas, pelos movimentos sociais, como promessas sem fundamento, ou mera propaganda para a validação social das atividades de mineração (DIAS, 2016, p.77).

O menu “O Projeto em números” reforça o discurso econômico da Vale S.A. destacando os investimentos, a qualidade do ferro extraído, a quantidade de empregos garantidos e de florestas protegidas. Com isso, ela desloca o pensamento sobre o crescimento econômico do pensamento sobre desenvolvimento econômico.

As “Curiosidades” confirmam os mesmos enunciados apresentando apenas os números que mostram a dimensão do S11D. “O S11D vai elevar a capacidade de produção do estado do Pará para 230 Mtpa³, cerca de 53% acima do volume de 2015” (VALE, 2017). Quando a empresa diz que a capacidade do estado do Pará é que será elevada, ela busca minimizar o

³ Toneladas métricas ao ano.

discurso prioritariamente econômico para dar ênfase ao discurso social como uma forma de fazer uma aproximação e sensibilização do estado do Pará em virtude de mais um empreendimento. Com isso ela estabelece uma intimidade com o território e diz colaborar para o seu melhoramento.

Por último, essa primeira página ainda apresenta uma linha do tempo que aponta para os principais marcos na história da mineração da Vale S. A. e do projeto S11D, segundo o discurso da mineradora. A linha do tempo é marcada pelos avanços tecnológicos e financeiros (de produção), e pelas conquistas que garantem o direito de minerar. Entretanto não se observa neste discurso os avanços sociais no Pará, estado que abriga parte dos lucros da Vale S.A. A pesquisadora Célia Amorim, ao destacar os 30 anos do *Jornal Pessoal*, apontou a relação da Vale S.A no estado do Pará como um dos temas principais do alternativo amazônico. Segundo a pesquisadora:

Há trinta anos, o *Jornal Pessoal* questiona esse modelo de mineração, com perguntas como “Vale. Um cavalo de Troia?”. Essa é a manchete de capa do *JP* de número 210, de 1999. Nessa edição, o nosso Estado aparece como o responsável por a Vale ser uma potência no ramo da mineração no país e no mundo, e a Vale como a responsável pelo subdesenvolvimento paraense. São trinta anos expondo a nudez de uma Amazônia que insistimos em não enxergar. (*Jornal Pessoal*, nº setembro de 2017)

O jornal faz crítica às questões silenciadas pelos discursos da mineradora, uma vez que o Pará é um dos principais estados com a atuação da empresa. A linha do tempo (Figura 3) demonstra o quanto a atividade minerária na região já explorou os seus re-

curso, com a valorização de ritmos cada vez mais acelerados e centrados na competitividade.



Figura 3: Linha do tempo.

Fonte: Dados da pesquisa a partir do site da Vale S.A.

A segunda página interna é intitulada “avanço tecnológico” e já traz um discurso que une os benefícios da tecnologia com a preocupação ambiental. O que em alguns momentos aparece de forma distinta (tecnologia e sustentabilidade) aqui é carregado de sintonia para dar a sensação de compromisso da empresa com a questão ambiental. Mais uma vez, por meio dos seus discursos, a mineradora ignora a função social dos trabalhadores e do meio ambiente e agrega o valor da proteção ambiental à criação de novas tecnologias. A questão regional passa a figurar em segundo plano, bem como o sentido do desenvolvimento endógeno (BECKER, 2001).

O S11D traz tecnologia com inteligência ambiental, produtividade com respeito pelas pessoas, minério de alta qualidade com maior eficiência na operação. As inovações tecnológicas reforçam o compromisso da Vale com a sustentabilidade dos nossos negócios (VALE, 2017).

É necessário destacar que nos enunciados a Vale S.A. não é clara quanto ao respeito que ela diz ter com as pessoas. Seu discurso, neste tema, é muito vago, não dando marcas para se perceber de fato qual o sentido de respeito que ela pretende direcionar para as pessoas. E de quais pessoas a mineradora está se referindo. Os únicos enunciados dessa página que mencionam a preocupação com a questão local são: “uma estrada foi especialmente preparada e asfaltada para suportar o peso e as dimensões dos módulos e depois será doada ao governo do Estado do Pará, beneficiando a comunidade local” (VALE, 2017). Mas, podemos questionar: Quais benefícios tal estrada irá trazer para a comunidade local, quais impactos tal estrada trará para a população local? Esse enunciado trata sobre a estrada utilizada durante o processo de instalações para o funcionamento do S11D. Não é mencionado como e quando as comunidades locais receberão o benefício. O que demonstra a falta de compromisso de um discurso esvaziado de sentido para com a comunidade.

“O equipamento, instalado no Centro de Treinamento do S11D, é uma importante ferramenta para o desenvolvimento dos profissionais, que iniciam as atividades na área mais bem preparados” (VALE, 2017). Esse enunciado diz respeito a um treinamento feito com simuladores, oferecido para os trabalhadores. Porém, não se sabe quais são os trabalhadores e de onde são. Há denúncias de Organizações Não Governamentais de que após o funcionamento do projeto o número de empregos cai, principalmente aqueles de mão de obra menos especializada.

A página ainda reforça os enunciados que falam a respeito dos benefícios gerados pelo S11D, como

redução do consumo de água, redução de energia e proteção da Floresta Nacional de Carajás (Figura 4). Ao fazer isso a empresa enuncia sobre a responsabilidade social e a sustentabilidade inerentes às suas operações, condições que estão intimamente ligadas com a ideia do desenvolvimento social.

Veja abaixo o que nossas tecnologias proporcionam



Figura 4: Benefícios promovidos pelo avanço tecnológico.

Fonte: Dados da pesquisa, a partir do site da Vale S.A.

“O projeto reuniu fornecedores de 12 países, distribuídos em 4 continentes” (VALE, 2017). O enunciado destacado como uma “curiosidade” dentro do *site* aponta o investimento internacional que o S11D recebeu, fortalecendo o discurso da internacionalização dos recursos naturais da Amazônia.

A colaboração para a formação de um discurso sobre desenvolvimento na Amazônia é evidenciada com os discursos apresentados dentro da página interna “avanço socioeconômico”. Ora, agregar o valor econômico ao social e enunciar que ambos andam juntos é uma estratégia que gera, para a empresa, a imagem de uma mineradora socialmente responsável.

Contribuir para o desenvolvimento sustentável das regiões em que atua é um compromisso da Vale. As iniciativas sociais e ambientais são planejadas e executadas com base em diagnósticos e nas necessidades de cada localidade. Essas prioridades são identificadas por meio de uma relação de diálogo e parceria com

as comunidades e o governo. A cidade de Canaã dos Carajás cresceu exponencialmente com a mineração. O município lidera o ranking do Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM) no Pará, à frente da capital do estado, Belém, e de outras como Manaus, Salvador e Maceió (VALE, 2017).

O texto principal dessa página mostra bem a construção de enunciados que valorizam palavras como “compromisso”, “necessidade”, “relação”, “comunidade”, “parceria”, “diálogo” e “localidade”. Esses termos ajudam a construir um sentido que liga a mineradora Vale S.A. às demandas locais e a coloca como uma espécie de protagonista no atendimento dessas demandas. Aqui, bem como em toda a página analisada, não aparece o discurso dos atores das comunidades locais. “A relação do sujeito com as formações discursivas tem o silêncio como componente essencial” (ORLANDI, 2007, p. 87). Os sujeitos sociais presentes nos enunciados são referenciados pelo discurso oficial da mineradora Vale S.A.

Essa página também destaca o crescimento socioeconômico das cidades onde a Vale S.A. atua. O exemplo de Canaã dos Carajás-PA, município no qual é desenvolvido o projeto S11D é apresentado a partir de dados do Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM), um estudo que se baseia nos índices de educação, saúde, emprego e renda de cada município. Esses discursos causam um embate com a concepção de desenvolvimento social, uma vez que não apresenta elementos do cotidiano local, não apresenta as vozes sociais do território onde é desenvolvido o projeto e enuncia um crescimento apenas a partir de dados quantitativos.

Por último analisamos a página interna “Depoimentos” que apresenta sete falas de representantes da mineradora. Aqui os enunciados evidenciam a preocupação com o crescimento da mineradora e os avanços tecnológicos e econômicos que o projeto S11D pode proporcionar. Além disso, as contribuições que o projeto desenvolve para a realidade local são evidenciadas.

Estamos dando o primeiro grande passo de uma jornada para muitos anos. Com S11D, a Vale abre novas oportunidades para que as próximas gerações continuem a produzir minério de alta qualidade, com respeito às pessoas e ao meio ambiente (VALE, 2017).

Conseguimos uma autorização junto à Eletronorte para compartilhar parte da energia do empreendimento com a cidade. Os períodos de apagões constantes ficaram no passado (VALE, 2017).

As falas acima representam os discursos de Ricardo Saad, Diretor de Implantação de Projetos da Vale e Leonardo Neves, líder sênior de Sustentabilidade e Infraestrutura do projeto S11D. Além deles também são destacadas as falas de Murilo Ferreira, diretor-presidente da Vale; Galib Chaim, ex-diretor executivo de Projetos de Capital da Vale; Charles Ferreira, líder de Saúde e Segurança na implantação da mina e usina do S11D; Fernando Difranco, líder de Meio Ambiente na implantação do S11D; e Jamil Sebe, responsável pela implantação do S11D e gerente-executivo de Operação da Pelotização da Vale em Omã.

A página de depoimentos enuncia uma ideia de desenvolvimento pensada a partir da empresa e para a empresa, reforçando o aumento dos lucros, da tecnologia e da preocupação com o meio am-

biente e com a sociedade local, mas sem apresentar dados e falas que colaboram para o desenvolvimento desses últimos.

Até o momento de análise da página não foram identificadas fotos ou textos que remetam à tragédia ambiental ocorrida em 2015 na cidade de Mariana, localizada no estado de Minas Gerais. Esse fato integra os discursos da mineradora Vale atualmente, pois está diretamente ligado à sua imagem, mas não são conectados com a atuação da empresa no estado Pará, onde é desenvolvido essencialmente o projeto S11D. Cabe destacar que isso se dá a partir da análise específica da página institucional de apresentação do projeto S11D.

Finalizamos, assim, com outras problematizações importantes que não foram tratadas nesta escritura, porque não faziam parte dos objetivos da presente produção, como por exemplo, empreender investigações sobre a circulação do discurso da mineradora em outras mídias e em outras instituições, mas reconhecemos também os limites de um artigo científico e seu tempo de produção e o quão importante é gerar conhecimento para futuras produções. Com isso, a presente análise abre possibilidades de convergências com outras escritas científicas.

Considerações

Os elementos identificados nas construções enunciativas do *site* da mineradora Vale S.A. colaboram para a construção de um pensamento sobre desenvolvimento na Amazônia que tem como eixo principal o crescimento econômico a partir da empresa. Evidenciamos marcas no discurso da Vale S.A como uma espécie de preocupação com as questões locais

e ambientais, sempre elaboradas pelo discurso da sustentabilidade, mas estas aparecem em segundo plano.

O desenvolvimento econômico, bem como o desenvolvimento endógeno dos quais abordamos aqui foram importantes estudos para compreendermos os discursos da Vale S.A. sobre desenvolvimento. Entendemos que a empresa divulga uma ideia de desenvolvimento que perpassa pelas teorias mencionadas, mas na prática colabora para um entendimento, prioritariamente a partir de dados quantitativos.

A ausência de atores sociais que falam pelos territórios onde a Vale está presente e onde está sendo desenvolvido o projeto S11D reforçam a compreensão de que o desenvolvimento regional deve ser pensado, vivido e compartilhado por todos os atores envolvidos. Há então o silenciamento de sujeitos e sentidos que de fato colaboram para a noção de desenvolvimento e ocupação territorial, como defendido por Bertha Becker (2001).

Assim, a Vale S.A. fala dela e dos outros (comunidades locais, trabalhadores) a partir, prioritariamente, do crescimento econômico. O sentido de desenvolvimento apresentado nos discursos da empresa engloba essencialmente o avanço tecnológico e econômico de quem fala – nesse caso, o da própria mineradora.

Tal análise leva em consideração um recorte do site institucional de uma empresa transnacional e abre caminhos de pesquisas que podem ser aprofundados com a investigação da imagem da empresa a partir de outros espaços. Um exemplo pode ser como suas redes sociais e a imprensa brasileira evidenciam as marcas da atuação empresarial em vistas do maior

projeto de mineração do Brasil. Espera-se que esses dados possam contribuir com futuras investigações.

Referências

- BECKER, B.K. Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários? **Parcerias Estratégicas**, v. 6, n. 12, set. 2001. p. 135-159. Disponível em: http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/view/178. Acesso em 5 nov. 2021.
- BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de lingüística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- COELHO, T. P. **Projeto Grande Carajás**: trinta anos de desenvolvimento frustrado. Marabá-PA: Editorial Iguana, 2015.
- FAUSTO NETO, A. **Mortes em Derrapagem**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed, 1991.
- FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma "analítica" da mediatização. **MATRIZES**, v. 1, n. 2 abr. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p89-105>. Acesso em: 5 nov. 2021.
- FERNANDES, D.A. **A questão regional e formação do discurso desenvolvimentista na Amazônia**. Orientador: Francisco de Assis Costa. 2011. 313 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido da Universidade Federal do Pará, Belém, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2993>. Acesso em: 5 nov. 2021.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2011.
- OLIVEIRA, W.P.; TRINDADE JR, R.B.; FERNANDES, D.A. O planejamento do desenvolvimento regional na Amazônia e o ciclo ideológico do desenvolvimentismo no Brasil. **Ensaio FEE**, v. 35, n. 1, p. 201-230, 2014.
- OLIVEIRA JR, A. Amazônia: a gênese de uma região de planejamento. **Revista de Ciências Humanas**, v. 9, n. 1, p. 37-53, jan.-jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3509/>

[Amaz%C3%B4nia%3A%20A%20G%C3%AAnese%20de%20uma%20Regi%C3%A3o%20de%20Planejamento](#). Acesso em: 5 nov. 2021.

ORLANDI, E.P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

PINTO, L.F. Carajás: ontem, hoje e nunca mais? **Revista Não Vale**, Açailândia, n. 2, 2013.

VALE. Complexo S11D Eliezer Batista. **Vale**, Canaã dos Carajás, 2017. Disponível em: <http://www.vale.com/brasil/PT/initiatives/innovation/s11d/Paginas/default.aspx>. Acesso em 14 jul. 2017.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2004.

ZAGALLO, José Guilherme Carvalho. A Privatização da Vale. **Revista Não Vale**, Açailândia, n. 1, 2011.

Larissa Pereira Santos

URL <https://orcid.org/0000-0001-8516-0174>

Universidade Federal do Pará

Mestra em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará-UFPA, Brasil. Integrante do Grupo de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia – CNPq/UFPA e do projeto Cidadania Comunicativa: Desafios, lutas e direitos compartilhados na Amazônia (UFPA-CES/UC). Email: larissasantos.jornalista@gmail.com

Fábio Fonseca de Castro

ORCID iD <http://orcid.org/0000-0002-8083-1415>

Universidade Federal do Pará

Professor dos Programas de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (Ppgcom) e Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (Ppgdstu) da Universidade Federal do Pará. Doutor em sociologia pela Universidade de Paris V (Sorbonne-Descartes) com pós-doutorado pela Universidade de Montreal. Coordenador do Grupo de Pesquisa Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas.

Célia Regina Trindade Chagas Amorim

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-1073-795X>

Universidade Federal do Pará

Pós-doutora pelo o Centro de Estudos Sociais, Laboratório Asso-

LARISSA PEREIRA SANTOS, FÁBIO FONSECA DE CASTRO
CÉLIA REGINA TRINDADE CHAGAS AMORIM

ciado, Universidade de Coimbra, Portugal. Núcleo: Democracia, Cidadania e Direito. Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) e da Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal do Pará – UFPA, Brasil. Coordenadora do Grupo e Projetos de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia – CNPq/UFPA e do projeto Cidadania Comunicativa: Desafios, lutas e direitos compartilhados na Amazônia (UFPA-CES/UC). Email: celia.trindade.amorim@gmail.com